

A estela de guerreiro (lusitano) de Zebros (Idanha-a-Nova)

Francisco Henriques (*), Mário Lobato Chambino (**) e João Carlos Caninas (***)

Introdução

Em 2011, no decurso de uma visita de cortesia levada a efeito por um dos signatários deste texto (MC) ao arraial de Zebros (Idanha-a-Nova), foi identificada a *estela de guerreiro* que agora se revela. É provável que tenha sido posta à superfície durante as lavras que antecederam essa visita. Por coincidência, no ano de 1996, fora encontrada na mesma área uma estela antropomórfica (Henriques, Caninas & Cardoso, 1998), publicada recentemente (Cardoso, 2011a, 2011b).

O presente texto tem como objectivo apresentar esta nova *estela de guerreiro*, *estela do Sudoeste* ou *estela de tipo extremeño*, segundo as diversas designações que têm vindo a ser utilizadas na bibliografia arqueológica, e que oferece uma composição caracterizada pela presença de três artefactos principais, em disposição canónica: a lança, o escudo e a espada. Estas armas, tendo o escudo como figura central, seguem uma normativa rígida na ordem e disposição daquelas figuras, tal como se pode observar, por exemplo, nas vizinhas estelas de Baraçal 1 (Curado, 1984), de Fóios (Curado, 1986), de Robleda (Martin Benito, 2009; Tomás Muñoz, 2009) e de San Martín de Trevejo (Figueroa Paniagua, 1982).

A função específica destas estelas não está completamente esclarecida. São consideradas marcadoras da paisagem, de locais de passagem (vias), ocorrendo, por isso, isoladas, ou de áreas relacionadas com poderes de chefia, de liderança ou lugares cerimoniais. De acordo com outras opiniões estariam associadas a espaços funerários. Há quem entenda que (Correia, 2010: 91) “mais do que marcadores visuais, as estelas funcionariam como marcadores conceptuais, não assinalando vias, mas pontos de controlo sobre as mesmas. Controlo esse que tanto se poderia revestir de um carácter efectivo, levado a cabo pelas comunidades, como de um carácter mais simbólico, desempenhado através da divindade ou antepassado representado no monumento, que tutelaria aquele espaço”.

No caso do sítio de Zebros existem evidências compatíveis com as várias funções invocadas. Contudo, tal como aqui, na maior parte dos

casos tem sido difícil estabelecer um contexto arqueológico directo, por insuficiência de investigação aplicada e porque, sendo peças muitíssimo expressivas, são, em geral, rapidamente deslocadas dos sítios de descoberta.

O local de achado da *estela de guerreiro* de Zebros integra-se muito bem na mancha de dispersão (Figura 1) deste tipo de estelas a nível peninsular, quer consideremos o mapa de distribuição dos tipos B e B+O de Díaz-Guardamino (2011:85), quer o relativo aos tipos I e II de Celestino Pérez & Salgado Carmona (2011: 447). Sugestiva é a coincidência entre esta distribuição e a que é proposta por Jorge de Alarcão (2001) para os *populi* lusitanos, convergindo num extenso território, alongado de modo diagonal, de noroeste para sudeste, entre as actuais regiões da Beira Interior (distritos de Guarda e Castelo Branco) e a região autónoma da Extremadura. Esta circunstância confere pertinência, em linha com Jorge de Alarcão, à atribuição da paternidade das *estelas de guerreiro* àquele enigmático conjunto de povos, cuja emergência é colocada no Bronze Final.

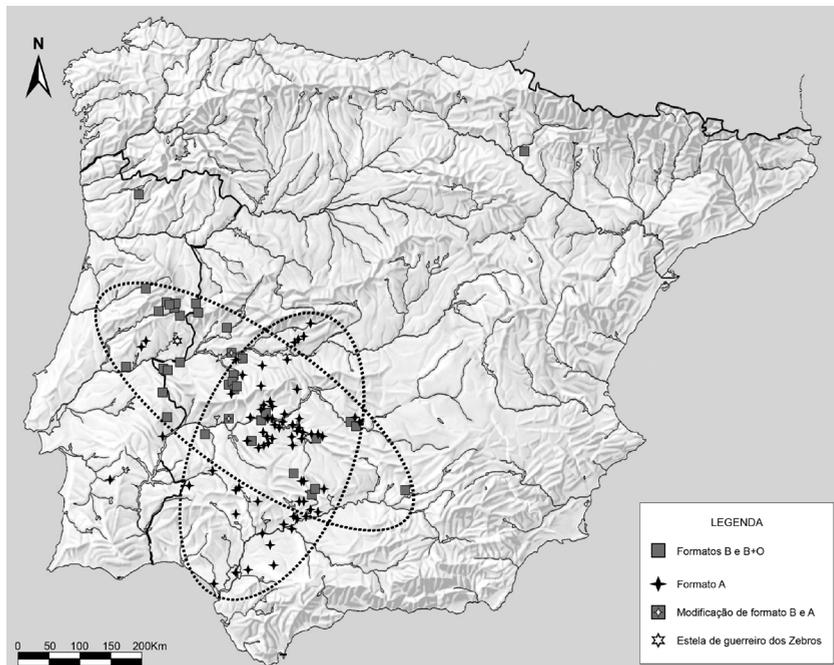


Fig. 1 - Inserção da *estela de guerreiro* de Zebros nas manchas de maior densidade de distribuição dos dois formatos iconográficos de estelas do mesmo tipo, segundo Díaz-Guardamino (2011, estampa 3). Edição gráfica de M. Monteiro. Base cartográfica obtida em <http://geopress.educa.aragon.es>

Localização e enquadramento geográfico

O sítio de Zebros e o respectivo monte agrícola (arraial) integram a freguesia de Zebreira, em posição próxima da divisória com a vizinha freguesia de Rosmaninhal, no concelho de Idanha-a-Nova.

É uma área aplanada, caracterizada por espaços abertos, com amplo domínio visual sobre a paisagem e desníveis pouco acentuados (Figuras 2 e 3), confinada entre a margem esquerda do rio Aravil e a margem direita do ribeiro da Rata. Contudo, este território apresenta-se rasgado por pequenas linhas de água torrenciais, com maior recorte orográfico junto da afluência no rio Aravil.



Fig. 2 - Vista do sítio de Zebros para noroeste, com a vila de Idanha-a-Nova, a Senhora do Almurtão e o recorte da Serra da Gardunha ao fundo.



Fig. 3 - Vista do sítio de Zebros para poente, abrangendo território situado entre Idanha-a-Nova e Castelo Branco.

Actualmente, em termos de povoamento, este território está pontuado por arraiais, muitos deles abandonados ou ocupados por floresta industrial. O sustento básico da população local baseava-se em culturas extensivas, de sequeiro (principalmente de cereais), na exploração de pastagens para gado, complementada com caça, mas também na mineração, nomeadamente de ouro em modo de subsistência individual. O minifúndio existe apenas em redor das povoações.

O sítio de Zebros detém um amplo e longo domínio sobre o horizonte, em vários quadrantes e com dezenas de quilómetros de extensão, principalmente para sul, onde se destaca a serra de San Pedro, para oeste, acompanhando todo o desenvolvimento do Maciço de Alvélos e das serras das Talhadas e do Moradal, e para norte, onde emerge a serra de Gardunha e mais atrás a serra da Estrela. Este elevado *controlo* sobre a paisagem ou sobre posições topográficas *críticas*, ocorre com muitos outros achados de estelas, como são os casos de Tojais, em Montalegre (Alves e Reis, 2011), sob a serra do Leiranco, ou do Puerto de Honduras (Sanabria Marcos, 2011), sobre a serra de la Cabrera (Cordilheira Central), na passagem entre os vales de Ambroz e Jerte.

A *estela de guerreiro* de Zebros (Figura 4, nº 1) apareceu numa extensa peneplanície com altitude a variar entre 240 m e 260 m, a sul do arraial com o mesmo nome. Nessa ocasião os terrenos apresentavam-se lavrados ou com restolho, proporcionando uma elevada visibilidade ao nível do solo.

Enquadramento arqueológico

A primeira referência ao interesse arqueológico do sítio de Zebros está documentada na Carta Arqueológica do Tejo Internacional (Henriques, Caninas & Chambino, 1993:186) com uma mamoa (nº de inventário

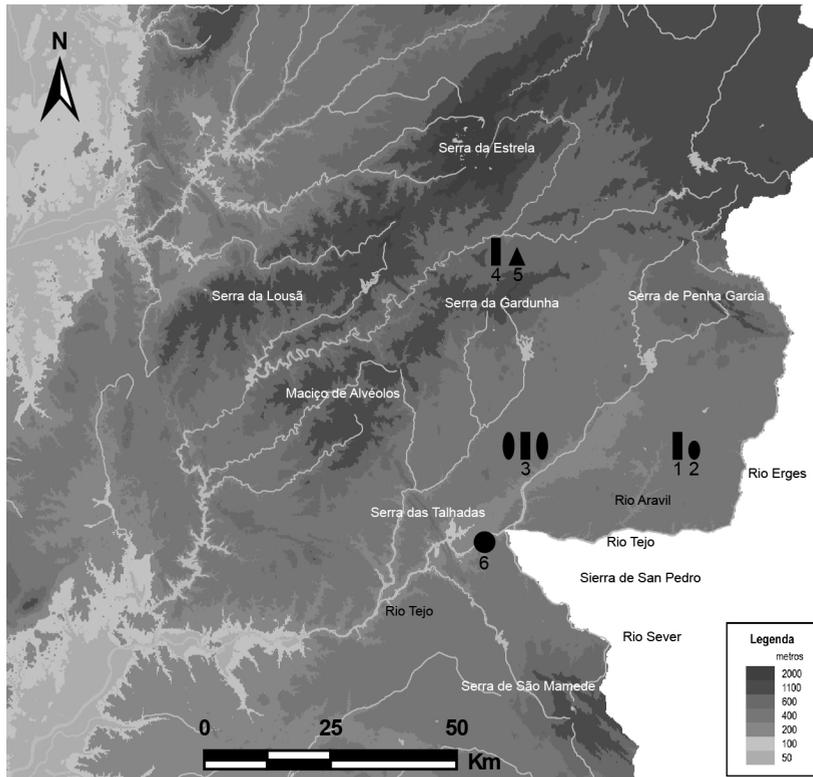


Fig. 4 - Localização das estelas gravadas da região de Castelo Branco sobre mapa hipsométrico (fonte: www.guiadeportugal.pt). Estelas antropomórficas diademadas: 2 (Zebros 1, Idanha-a-Nova). Estelas de tipo alentejano: 5 (Corgas, Fundão). Estelas de guerreiro ou com iconografia correlativa: 1 (Zebros 2, Idanha-a-Nova); 3 (Monte de São Martinho); 4 (Telhado, Fundão). Representação de escudos e armas na arte rupestre do Tejo: 6 (Rocha 29 do Cachão do Algarve). Edição gráfica de M. Monteiro.

IN.162). Em visita posterior a este local documentou-se a destruição do monumento devido a uma lavoura profunda do solo.

As referências seguintes surgem, anos mais tarde, no âmbito do projecto de investigação arqueológica *ALTEJO - Pré-História Recente na margem direita do Alto Tejo Português*, e foram documentadas em relatório de progresso (Henriques, Caninas & Cardoso, 1998:10). Estes novos elementos consistem em duas discretas mamoadas, sobre a linha de cumeeada, distanciadas uma da outra cerca de 200 m, e dois núcleos de materiais de época romana na pendente para noroeste. Na mamoad localizada dentro da propriedade foi recolhido “o topo de uma estela antropomórfica, tipo bétilo” (Figura 4, nº 2), cujo estudo foi recentemente apresentado nas IV Jornadas Raianas, dedicadas à temática das *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história* (Sabugal, 2009), e publicado no respectivo livro de comunicações (Cardoso, 2011a).

Este monumento é uma pequena estela (27,5 cm de altura, 27 cm de largura e 17,5 cm de espessura), incompleta, gravada a picotado e

tendo como suporte granito de grão fino. A iconografia é antropomórfica exibindo face representada com dois olhos, assinalados por dois pontos, nariz, marcado por dois sulcos convergentes, com um ponto no interior, e boca evidenciada por pequeno traço horizontal. A face, enquadrada por toucado, está separada do tronco através de um sulco a partir do qual são lançados sobre o corpo três “colares”. Apresenta punctiformes em várias áreas do corpo. É considerada uma representação feminina datável do final do Calcolítico ou início da Idade do Bronze (Cardoso, 2011a).

Em 2008, cerca de 50 km a noroeste de Zebros, foi identificada a estátua-menir de Corgas (Banha, Veiga & Ferro, 2009), no concelho de Fundão (Figura 4, nº 5), um monólito em granito, de forma ovóide, com 2,8 m de altura e 0,65 m de largura. Este achado documenta a reutilização, durante a Idade do Bronze, de um menir, Neo-Calcolítico, de cariz fálico, com novos motivos decorativos, incisos e em relevo, nas faces frontal e lateral. Os motivos gravados consistem num bi-ancoriforme, numa espada, em correias, algumas para suportar a espada. O tipo de gravação não é idêntico em todos as figuras. Assim, o objecto bi-ancoriforme foi talhado em relevo, por rebaixamento da zona envolvente, e a gravação da espada, na zona do punho, usou o mesmo método, enquanto a lâmina e as correias são figuradas apenas por um sulco. Em termos iconográficos, este monumento pode ser integrado na tipologia das chamadas *estelas alentejanas*, da Idade do Bronze, com uma cronologia atribuível a meados do 2º milénio AC (Banha, Veiga & Ferro, 2009).

Mais recentemente, em Junho de 2012, foi noticiada, na *mailing list* Archport, pela Sociedade Trebaruna - Amigos do Museu Arqueológico do Fundão, a descoberta na aldeia de Telhado (Figura 4, nº 4), no concelho de Fundão, de uma *estela de guerreiro* (1), de grande dimensão, com 2,7 m de altura, considerada a maior deste tipo conhecida na Península Ibérica. Segundo aquela notícia “encontram-se gravados vários elementos, entre os quais um capacete, uma lança, uma espada e um escudo...”

À vista do sítio de Zebros, algumas dezenas de Km para oeste, existe um outro importante sítio arqueológico (Figura 4, nº 3), divulgado e estudado no início do século XX por Francisco Tavares de Proença Júnior (Proença Júnior, 1903) e, desde então, *revisitado* por outros arqueólogos, motivados pelo notável espólio aí recolhido. Referimo-nos ao monte São Martinho (Castelo Branco), um pequeno relevo quartzítico bem destacado no horizonte e avistável em todas as direcções, circunstância que lhe confere estatuto de referência na paisagem.

Foi um espaço ocupado durante os períodos terminais da Pré-história Recente. Francisco Tavares Proença Júnior recolheu neste local duas estátuas-menir e um menir decorado, três peças em granito rosa de grão fino e todas, aproximadamente, contemporâneas, com idade balizada entre os séculos IX e VIII AC (Vilça, Santos & Marques, 2004).

Um dos monumentos terá sido um *menir* fálico, Neo-Calcolítico, reaproveitado no Bronze Final. É uma peça fundamental e alvo de muitas interpretações. Tem como figura central um antropomorfo de braços erguidos, segurando um arco sob tensão, com a flecha em direcção a um cervídeo e, ao lado deste, um zoomorfo, talvez um

canídeo. Acima do cervídeo há várias outras gravuras. Ao lado esquerdo do antropomorfo parece observar-se uma fíbula e um punhal ou uma espada (ou a respectiva aljava) e um zoomorfo. Do lado direito parece ter sido representado um espelho e acima deste existe uma forma alongada presa ao corpo do antropomorfo.

Um segundo monumento, de secção sub-rectangular, encontra-se fracturado no topo e na base. Nos dois terços superiores da parte restante as gravações que conserva são de muito difícil leitura e interpretação. No terço inferior observam-se duas linhas horizontais, ao longo de toda a face gravada e sete sulcos verticais a uni-las.

A terceira peça, uma estátua-menir, tal como a anterior, tem forma paralelepípedica. A peça, concebida para ser colocada na vertical, foi alisada em todas as faces mas apenas uma face foi gravada. Apresenta-se incompleta devido a fractura no topo. Tem sido alvo de várias interpretações mas há unanimidade acerca da sua importância. O terço inferior da área gravada exhibe duas linhas paralelas, horizontais, entre as quais foram insculpidas vinte e três pequenas covinhas, equidistantes e alinhadas, formando um conjunto gráfico interpretado como um cinturão. Da linha horizontal inferior caem dezasseis linhas, verticais, paralelas entre si, interpretadas como pregas de uma túnica presa ao cinturão (Vilaça, Santos & Marques, 2004:159-161).

Os dois terços superiores da face gravada estão ocupados por figuras enigmáticas. No centro desta face, do topo da estela até ao cinturão, existem duas linhas rectas e curvas, quase simétricas. *“De cada lado da figura central encontramos um antropomorfo em phi. A gravura da esquerda representa uma figura humana, onde se podem distinguir os braços arqueados, as pernas, os pés e o pescoço bem delineado. Da cabeça partem duas linhas curvas que aparentam ser um capacete com cornos (Breuil, 1935:11; Almagro Bash, 1966:32; Gomes e Monteiro, 1976-1977:319). Tavares Proença pensou poder tratar-se da representação de um homem com um vaso à cabeça (1905a:13). A figura da direita é muito semelhante à anterior, mas apresenta um círculo, interpretado como um escudo, que envolve e cobre o centro do corpo (Almagro Bash, 1966:32). As duas linhas sinuosas representariam um capacete de cornos bastante esquemáticos. A interpretação mais recente vê antes na linha da esquerda, que arranca do ombro e não da cabeça da figura a representação de um braço erguido em adoração (Alarcão, 2001:334). Sobre os dois antropomorfos observam-se duas figuras, incompletas, que Almagro considerou serem uma espada e uma maça (1966:34)”* (Vilaça, Santos & Marques, 2004:160).

As estelas e as estátuas-menires encontradas na região de Castelo Branco, entre a Cordilheira Central e o rio Tejo, a que nos referimos anteriormente (Figura 4, nº 1 a 5), mostram uma significativa diversidade de iconografias, ilustrativas de episódios culturais que se repartem por um período de quase um milénio, ao longo de toda a Idade do Bronze, num quadro que parece evidenciar continuidade de povoamento, apesar das rupturas patentes ao nível do simbólico.

Características do suporte, reportório figurativo e análise comparativa

A *estela de guerreiro* de Zebros (Figura 5) é um bloco paralelepípedo, de faces irregulares, e quatro das suas seis superfícies são aproximadamente rectangulares.

A peça foi recolhida sobre depósitos da chamada Formação de Cabeço do Infante (arenitos com intercalações de conglomerados e alguns siltitos), do Paleogénico (Romão *et al.*, 2010), mas o suporte será proveniente da área de contacto entre as rochas metassedimentares do Grupo das Beiras e as rochas magmáticas intrusivas (vulgo granitos), situada cerca de 2 km a Norte. De acordo com a caracterização litológica que foi realizada, gentilmente, pelo geólogo Carlos Carvalho (Geopark Naturtejo), a partir de fotografia: “parece-se bastante com uma rocha de origem sedimentar detrítica, predominantemente arenítica com uma certa percentagem de argila, sujeitada a metamorfismo regional, que uma certa foliação xistenta parece corroborar. Possivelmente a rocha original terá sido um grauvaque que, por contacto térmico com a intrusão granítica da Zebreira, recristalizou com a neoformação de cristais de cordierite particularmente visíveis na superfície (de estratificação?) que foi gravada.” (Março de 2012)

A face gravada (2) (Figura 5) tem as seguintes dimensões: 30,5 cm de largura na base; 50 cm de altura no lado esquerdo; 43 cm de altura no lado direito; 24 cm de largura no topo. A face gravada não é regular e, tal como o suporte, está fragmentada no topo, onde falta parte de uma gravação, e, provavelmente, na base. O anverso exhibe, no lado direito e na parte mesial da estela, uma depressão semi-circular, resultante de fractura, anterior à gravação dos motivos. Tem 13 cm de largura e 29 cm de altura ao longo da aresta. Esta irregularidade foi ignorada pela gravação. A espessura da peça, no lado direito, varia entre 12 cm e 15 cm, do topo para a base. No lado esquerdo essa dimensão varia entre 12 cm e 17 cm.

Exceptuando os lados fracturados, detectam-se vestígios de talhe no bordo da estela, nomeadamente na base, em parte do bordo esquerdo e parte do topo. Podem observar-se os pontos de percussão ou de colocação de pequenos guilhos para redução do tamanho do suporte. Poderá ter-se destacado um estreito fragmento do suporte lítico, ao longo do bordo direito, atendendo ao desaparecimento da ponta do punhal e ao facto do cabo da lança se iniciar no rebordo. Não é de excluir a hipótese da estela ter sido reutilizada, para uma diferente função, e formatada com redução da sua dimensão original.

O reverso (Figura 6) tem uma feição tosca e parece ter sido arrancado directamente do substrato rochoso.

O estado de conservação da peça pode considerar-se bom, apesar das fracturas antigas do topo e da base. Não se observam fracturas recentes, nomeadamente no painel gravado e no bordo deste, excepto largas escoriações no reverso, devido a raspagem provocada por maquinaria. No reverso também se observam fissuras, paralelas ao plano de gravação, que podem propiciar novos episódios de fragmentação desta peça. O aspecto da superfície da rocha sugere que



Fig. 5 - O anverso da estela de guerreiro de Zebros iluminada com luz rasante.

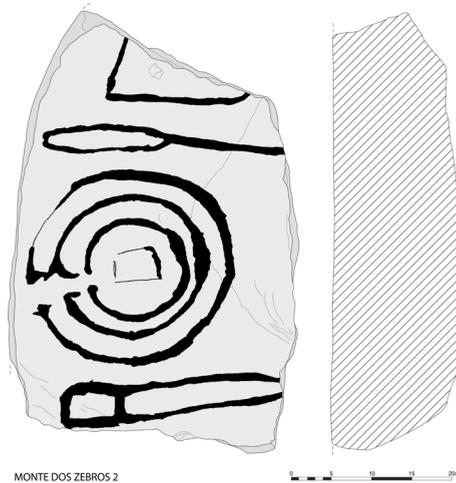


Fig. 6 - Reverso da estela de guerreiro de Zebros.

tenha estado soterrada, durante a maior parte do seu tempo de vida e, em período mais recente, talvez com a face gravada voltada para baixo.

Sendo uma estela, a peça estaria colocada no terreno em posição vertical, que era a direcção do seu eixo maior, ou alongamento, conforme se mostra na Figura 7.

As figuras que exhibe foram gravadas em dois tempos. Numa primeira fase foi executada uma fina marcação incisa de cada motivo, na superfície a



MONTE DOS ZEBROS 2

Fig. 7 - Desenho da estela de guerreiro de Zebros (tintagem de André Pereira).

gravar; numa segunda fase os sulcos incisivos foram alargados e aprofundados por picotagem indirecta, mas houve também recurso a abrasão.

Do topo para a base, a primeira figura é de identificação indefinida por se encontrar incompleta, devido à fractura do topo da estela. É constituída por três sulcos que se interligam, um horizontal e dois oblíquos. A linha horizontal tem 13 cm de comprimento e é quase paralela à figura seguinte, a lança. O sulco, picotado e com vestígios de abrasão muito suave, é pouco profundo. A linha oblíqua esquerda liga ao final da linha horizontal fazendo um ângulo de 80 graus. Mede 7,5 cm de comprimento. Foi gravada por picotagem fina seguida de abrasão. Da linha oblíqua direita resta apenas o arranque, com cerca de 1 cm de comprimento, perdido o seu desenvolvimento devido à fractura do topo da estela. O sulco tem secção em U, relativamente aberto, e 0,8 cm de largura. No interior desta figura, no seu canto inferior esquerdo, observa-se um orifício disforme, de 2,5 cm por 1,5 cm. Parece ser natural, pelo modo como se apresenta, ou seja, uma estaladela na superfície da rocha.

Esta figura tem sido interpretada como a representação de um capacete, de morfologia cónica, tal como se apresenta, por exemplo, nas estelas de Las Herencias 1 e de Solana de Cabañas (Galán, 2011:288-289). Contudo, nestas, o capacete, estando em proporção com o guerreiro, tem dimensão muito inferior à do escudo. Um exemplo mais próximo é o da estela de Aldeia Velha, também facturada no topo, que exhibe, no meio de outros elementos, uma figura triangular, interpretada como “capacete de morfologia genericamente cónica” (Vilaça, Osório & Santos, 2011:363).

No caso da estela 2 de Baraçal observa-se um motivo similar, tanto na forma como na posição, também incompleto devido à fracturação do topo desta estela, mas não foi avançada a sua identificação com um capacete, sendo considerado “um motivo de interpretação desconhecida” (Santos, Vilaça & Marques, 2011: 339).

Sob o capacete, a 4,5 cm de distância do vértice esquerdo do *triângulo* e a 6 cm do vértice direito, foi gravada uma lança, abaixo desta foi colocado um escudo e abaixo deste uma espada. A ponta da lança, as escotaduras do escudo e o punho da espada estão voltados para o lado esquerdo da estela, conforme a orientação exposta na Figura 7 e de acordo com norma reconhecida neste tipo de monumentos.

A lança, com 30,5 cm de comprimento, ocupa quase toda a largura da estela; a haste tem 14 cm e a lâmina 16,5 cm. A haste da lança, que se inicia no rebordo direito da estela, é curta e ligeiramente curva. A lâmina, foliforme (folha de loureiro) e sem nervura central, semelhante à de Tojais (Alves & Reis, 2011), é larga, atingindo 3 cm de dimensão máxima. O sulco foi gravado com picotado fino, pouco profundo, e no limite inferior da lâmina observa-se algum abrasão. O sulco, simples, tem uma profundidade que varia entre 0,1 cm e 0,3 cm e secção em U aberto. A lança apresenta-se ligeiramente oblíqua em relação ao alinhamento formado entre o centro do escudo e as escotaduras.

O escudo é o motivo central e ocupa a maior parte do painel. Pelo seu tamanho e centralidade destaca-se no conjunto gráfico, característica que é comum à maioria das estelas deste tipo. Está representado através de três círculos concêntricos, cada um deles interrompido pelas

escotaduras. Dentro do círculo mais interior situa-se a abraçadeira, com gravação incompleta, e configuração sub-retangular.

O escudo e a lança foram gravados após o destacamento de uma lasca superficial do suporte, no lado direito do painel.

Abordaremos em seguida cada um dos círculos, ou falsos círculos, se considerarmos a interrupção destes pelas escotaduras. A largura das escotaduras varia entre 0,6 cm e 1 cm.

O círculo exterior tem 24 cm a 25 cm de diâmetro e está afastado do círculo seguinte 3 cm. Foi gravado mediante picotado fino, contínuo e pouco profundo. A largura do picotado varia entre 0,7 cm e 1,3 cm. No lado esquerdo deste círculo, junto da escotadura, a linha abrasiva utilizada como esboço não foi preenchida por picotagem, num trecho com 4 cm de comprimento.

O círculo do meio vence, harmoniosamente, os ressaltos da superfície do painel e atinge 3,5 cm de largura, num curto percurso. O sulco não fecha na posição da escotadura. Os diâmetros deste círculo variam entre 17,2 cm e 17,5 cm. Foi gravado com picotado fino que parece ter sido suavemente abrasionado. A interrupção que corresponde à escotadura tem 1,5 cm de largura. A espessura da mancha de picotado varia entre 0,7 cm e 1 cm.

O círculo central tem 12 cm de diâmetro. A largura da mancha de picotado varia entre 0,9 cm e 1 cm. Nalguns sectores o picotado é pouco visível, sobressaindo o sulco filiforme do esboço. Não tem marcação de escotadura, mas o círculo interrompe-se na posição correspondente.

O número de círculos que definem os escudos varia entre três e quatro, raramente quatro círculos. As escotaduras variam entre duas e três e estão relacionadas com o número de círculos, exibindo formas em V ou U. Na estela dos Zebros, apesar de não totalmente figuradas, podemos considerar que as escotaduras são em V.

Os escudos são apresentados, preferencialmente, com vista interna (reverso), isto é, na perspectiva do utilizador. Os que se apresentam pelo lado anverso têm um ponto central, e ocorrem em menor número. A *estela de guerreiro* de Zebros segue o padrão maioritário.

A abraçadeira está no interior do terceiro círculo. Tem forma rectangular. Foi gravada na perspectiva do utilizador e traçada com fino risco inciso. O sulco do lado superior (ou esquerdo para o observador da Figura 7), com 4,2 cm de comprimento, foi aberto por abrasão pouco fundo. O lado inferior (ou direito), tem 6 cm, e foi aberto por abrasão, um pouco mais profundo que o do lado anterior. Os traços verticais (horizontais para o observador), que unem os dois horizontais atrás referidos, têm 3,6 cm de comprimento, e estão representados por duas incisões filiformes, quase paralelas, à esquerda do observador. No traço vertical do lado direito parece observar-se uma tentativa de picotagem.

As abraçadeiras documentadas são maioritariamente rectangulares, conjunto no qual se integra o exemplar de Zebros. No caso da estela de Valência de Alcântara 1 a forma é elíptica (Ramirez & Cuesta, 2008:130) e no exemplar de Aldeia Velha a abraçadeira, rectangular, tem os cantos arredondados (Vilaça, Osório & Santos, 2011).

Na arte rupestre do Tejo (Gomes, 2011:191) foram documentados escudos e escutiformes. Mas apenas o escudo do Cachão do Algarve (CAL 29-34) apresenta características semelhantes às que temos vindo a tratar, com três círculos concêntricos, dois mais exteriores com escotaduras voltadas à esquerda e o terceiro, interior, sem essa descontinuidade. Este escudo também foi gravado numa perspectiva reversa. Refira-se que o escudo de Tojais (Alves & Reis, 2011), representado com três círculos concêntricos mas tendo escotaduras apenas os dois exteriores, foi concebido numa perspectiva anversa, apresentando apenas um ponto central. Esta variação em relação à norma pode sugerir uma degradação do padrão maioritário, compatível com um maior distanciamento deste achado em relação à mancha principal de distribuição das *estelas de guerreiro*.

A espada é o elemento inferior do reportório figurativo desta estela. Tem uma orientação paralela ao eixo do escudo, tal como definido anteriormente. O punho e lâmina totalizam 28 cm de comprimento. O punho tem 7 cm de comprimento e largura a variar entre 3,5 cm e 4,5 cm. No interior do rectângulo que desenha o punho apenas o ângulo superior esquerdo é arredondado. O lado superior está ligeiramente arqueado. O bordo inferior (lâmina e punho) é quase rectilíneo. O bordo superior tem a forma de um suave ondulado.

A lâmina tem 21 cm de comprimento, mas essa dimensão poderia ser acrescida de 2 cm, ou mais, considerando o desaparecimento da sua extremidade distal. A largura da lâmina, junto ao punho, é de 3,5 cm, aumenta na parte mesial e afunila em direcção à ponta com 1,5 cm. É uma lâmina de folha larga. Será que se deve considerar um punhal?

A ponta da espada desapareceu devido a uma fractura do bordo da estela, que não parece recente. O mesmo parece ter acontecido na base, passando a linha de fractura junto ao punho.

Nesta estela, a espada é o motivo que desperta maior atenção, devido à cor mais azulada do suporte, à largura do sulco picotado e ao abrasão largo e profundo que o atingiu.

A linha de picotado que separa o punho e a lâmina é muito fina, não tendo a mesma profundidade que se observa na restante representação deste objecto. Ao invés, atinge a maior profundidade na lâmina (0,2 cm). Podemos mesmo dizer que a espada está praticamente dividida ao meio. Na metade proximal observa-se apenas picotado (no punho e na lâmina num comprimento de 12,5 cm). Na metade distal (15,5 cm) houve abrasão sem que o picotado desaparecesse. A largura do sulco que define o traçado da espada varia entre 1,4 cm e 0,6 cm.

Na estação de Ficalho, do complexo de arte rupestre do Tejo, foi documentada uma espada (FIC 16E.1) muito semelhante à representada na *estela de guerreiro* de Zebros, atribuída por M. Varela Gomes ao tipo alentejano 1 e datada do Bronze Médio do sul de Portugal (Gomes, 2011:187).

Considerações finais

A segunda estela identificada no sítio de Zebros, em Idanha-a-Nova, apresentada neste texto, integra-se plenamente na família das *estelas de guerreiro* do sudoeste da Península Ibérica, atenta a presença de três

armas básicas, a lança, o escudo e a espada, em disposição canónica. Esta panóplia é frequentemente enriquecida com outros motivos (capacete, espelho, fíbula, pente, antropomorfo, carro, etc), tal como no caso em apreço (capacete).

O aparecimento de uma estela com estas características era aguardada, com elevada probabilidade de ocorrência, de acordo com uma lógica de continuidade territorial, e considerando a presença de peças deste tipo tanto a norte (Beira Interior Norte, na área da Cordilheira Central) como a sul (Extremadura espanhola e Alentejo) da região de Castelo Branco e, ainda, a presença de iconografia correlativa nas peças do monte de São Martinho. A estela de Zebros veio colmatar essa lacuna (de conhecimento) e a sua presença na região foi reforçada com a descoberta, mais recente, de uma estela do mesmo tipo no Telhado (Fundão).

Tal como no sítio de Tojais (Montalegre), onde foi encontrada uma *estela de guerreiro* perto de uma anta (Alves & Reis, 2011), em Zebros, a estela antropomórfica e a *estela de guerreiro* também estão em relação de grande proximidade com pequenas mamoadas (Henriques, Caninas e Cardoso, 1998) e, segundo informações orais, passaria por aqui uma importante via, que transpunha o Aravil na área do Porto dos Barros, onde identificámos profundos trilhos de rodados. Essa correlação parece ser mais distante no caso das estelas e estruturas dolménicas da Dehesa Boyal de Hernán Pérez (Díaz-Guardamino, 2011:87), pelo menos no que concerne à *estela de guerreiro* ali encontrada.

O primeiro motivo apresentado na *estela de guerreiro* de Zebros, em posição cimeira, é de identificação duvidosa. Poderá representar um capacete mas a fractura do topo impede o esclarecimento da dúvida. Contudo, tal identificação é muito sugestiva se, para além da analogia formal, atendermos à posição maioritária deste tipo de artefactos na parte distal das estelas, concordando com a ideia de associarmos o corpo da estela ao corpo do guerreiro, e desse modo mais próximo da cabeça e bem orientado.

No *campo* das analogias, refira-se a presença de uma forma trapezoidal, incisa, aparentemente incompleta, por fracturação do suporte, no topo da estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz), atribuída à transição do 4^o para o 3^o milénio AC. Esta figura, descrita como sendo um “machado trapezoidal” (Gonçalves, Balbín-Berhmann & Bueno-Ramírez, 1997), encima o restante reportório gráfico. Além dos serpentiformes, do báculo, dos zigue-zagues e dos círculos, atribuíveis a uma fase mais antiga, existem figuras incisadas que poderiam corresponder a uma reutilização deste monumento, na Idade do Bronze, quiçá a figura trapezoidal (se a considerarmos um capacete), a marcação do cinturão e as armas, nomeadamente o machado simples que se lhe associa, e um modo diferenciado de gravação.

Podem encontrar-se outras analogias formais, com a presença de serpentiformes em posição central, e figuras trapezoidais (algumas de topo arqueado, em forma de chapéu), uma das quais na parte superior da estatua-menir de Navalcán (Bueno, *et al.*, 1999), e ainda em diversos ortóstatos do monumento funerário da Granja de Toniñuelo (Bueno-Ramírez & Balbín-Berhmann, 1997). Será que estas formas trapezoidais,

em posições cimeiras, tanto nas estelas-menires como nas *estelas de guerreiro*, correspondem a um mesmo conceito, seja ele qual for?

A lança, o escudo e a espada formam um conjunto de artefactos bélicos cuja presença e posição relativa parece estar bem padronizada numa parte muito representativa de *estelas de guerreiro*.

A introdução de novas teorias de investigação na análise destes monumentos motivou uma revisão tipológica que também permitisse enquadrar inúmeros achados posteriores aos estudos percursores de Almagro Basch. Deste modo, Celestino Pérez e Salgado Carmona (2011:424) propõem a correlação destas peças com quatro tipos principais, desdobrados em subtipos (A e B) e grupos (1, 2 e 3), fundamentados na análise detalhada dos motivos mais significativos que as compõem, ou à sua ausência, e à sua distribuição geográfica.

De acordo com esta proposta, a *estela de guerreiro* de Zebros integra-se no tipo 1, das estelas sem figuras humanas, baseadas na representação do escudo, da lança e da espada (tipo 1, subtipo A), com destaque para a primeira arma, de acordo com aqueles investigadores. O exemplar de Zebros corresponde ao subtipo B (3), atendendo à presença de um quarto artefacto, o hipotético capacete.

O achado desta nova estela, no sítio de Zebros, vem reforçar a presença dos monumentos de iconografia básica (tipos 1A e 1B de Celestino Pérez & Salgado Carmona, 2011; formatos B e B+O de Díaz-Guardamino, 2011) na parte noroeste da área de maior densidade de distribuição das *estelas de guerreiro*, ou seja entre a Beira Interior e o Médio Guadiana, atento por exemplo o mapeamento de Díaz-Guardamino (2011, estampa 3). Esta representação mais setentrional foi recentemente reforçada com os achados de monumentos de idêntica iconografia ocorridos no Telhado (Fundão), em Aldeia Velha (Sabugal) e na Pedra da Atalaia (Serra do Ralo, Celorico da Beira).

O modelo iconográfico representado pelo conjunto “lança - escudo - espada”, que se apresenta muito padronizado, mesmo considerando aqueles casos em que ocorrem alguns artefactos acessórios (capacete, espelho, pente, etc), mas onde estão ausentes as representações antropomórficas, apresenta uma distribuição que se estende actualmente segundo uma diagonal entre a Serra do Ralo (Beira Interior) e a área de Trujillo (Província e Cáceres).

Esta tipologia está claramente evidenciada pela centralidade do conjunto “lança - escudo - espada”, sendo que entendemos a posição central do escudo de significado relacional, condicionada pelas restantes armas. Tem sido realçada por diversos autores a rigidez normativa da relação posicional entre estas três armas: tomando como referência a direcção das escotaduras verifica-se que a ponta da lança e o punho da espada se orientam na mesma direcção, com os três eixos maioritariamente paralelos, num conjunto muito significativo de casos, que julgamos poder circunscrever a um espaço cultural original.

Excluímos dessa norma as iconografias mais complexas e diversificadas que ocorrem na parte sudeste do território das *estelas de guerreiro* ou seja entre a Província de Cáceres e o Médio Guadiana, onde tal norma se encontra, aparentemente, degradada pela quebra

da relação posicional indicada e da centralidade deste conjunto. Tal degradação normativa também se observa em peças mais afastadas desta região como é o caso da *estela de guerreiro* encontrada em Tojais (Montalegre) cuja lança se afasta da posição canónica. Existem contudo peças de transição integradas por Celestino Pérez & Salgado Carmona (2011) nos tipos 2 (estelas com escudo predominante e antropomorfo) e 3 (estelas com igualdade entre escudo e antropomorfo).

Esta transição das estelas sem figura antropomórfica, maioritárias no sector noroeste do território das *estelas de guerreiro*, para as estelas com figura antropomórfica presente ou dominante, no centro e no sudeste deste mesmo território, parece-nos poder indicar um processo de intercâmbio de símbolos entre povos vizinhos, que de acordo com a tese de Jorge de Alarcão (2001, figura 10), poderia ter ocorrido entre *Lusitani* a noroeste e *Kounéoi* a sudeste.

Contudo, neste padrão de iconografias básicas observam-se duas variantes de posição relativa das três armas e de orientação do conjunto, tomando como boa a disposição que os vários autores têm atribuído a esta peças, ou seja, colocando a extremidade distal para cima e a proximal para baixo (no solo), qualificação que consideramos pertinente dado que a maioria dos suportes monolíticos tem uma forma alongada (4). Na maioria dos casos a espada está colocada à esquerda do escudo e a lança à direita deste. A orientação do conjunto faz-se com a escotadura para o lado esquerdo do observador. Num conjunto minoritário a lança aparece à esquerda do escudo e a espada à direita deste e o conjunto surge orientado para o lado direito do observador.

Qual o significado que podemos atribuir à relação posicional das três armas no conjunto gráfico, considerando as duas variantes? Parece-nos que tal relação retrata a posição que estas armas teriam quando empunhadas pelo guerreiro, em atitude de expectativa para o ataque ou em posição dita de parada, com o escudo ao centro empunhado por uma das mãos, a lança empunhada pela mão oposta e a espada à cintura no lado oposto ao da lança. E o que poderão significar as duas variantes? Parece-nos muito sugestiva a ideia destas variantes traduzirem um uso preferencial da mão direita (destromano), na variante maioritária, e da mão esquerda (sinistromano), pelo guerreiro, nas restantes. A aceitação desta hipótese tem uma implicação possível quanto ao significado destas duas variantes, ou seja, de aquelas armas não representarem qualidade, destreza ou liderança militar, em sentido genérico, exprimindo, ao invés, de modo muito personalizado, um guerreiro, ou chefe guerreiro concreto, e por isso detentor dessas mesmas qualidades.

Outra característica, diríamos rígida, na colocação destes símbolos bélicos é a sua disposição transversal em relação ao eixo principal ou eixo maior das estelas. Ou seja, nos suportes alongados, que podemos subentender representarem o guerreiro, sem o recurso a caracteres antropomórficos como vemos em estelas mais antigas, seria expectável encontrar o conjunto orientado de modo vertical, estado que lhe poderia conferir um estatuto activo (5). Será que a colocação transversal pretende acentuar a passividade, ou a *morte*, daquelas

armas? Esta hipótese parece-nos concorrer para a atribuição de um significado funerário às *estelas de guerreiro*.

Tendo como referência o território dos nove *populi* lusitanos de Jorge de Alarcão (2001, figura 10) verificamos que os novos achados de *estelas de guerreiro* acentuam a distribuição destes monumentos no interior daquele território. De facto, os mais recentes achados (Pedra da Atalaia 1, Aldeia Velha, Zebros 2, Telhado) repartem-se entre os espaços propostos para os *Lancienses Transcudani* (Pedra da Atalaia 1 e Aldeia Velha), os *Igaeditani* (Zebros 2) e no caso da estela do Telhado algures entre *Ocelenses*, *Tapori* e *Igaeditani*. Ora os achados anteriores efectuados, por exemplo, em território português (Baraçal 1 e 2, Fóios, Meimão e São Martinho) ocupavam esse mesmo território, com as quatro primeiras estelas entre *Lancienses Transcudani*, *Lancienses Oppidani*, *Ocelenses* e *Igaeditani*, e as estelas de São Martinho, entre os *Tapori*, mais afastadas das anteriores, e de iconografia atípica.

Esta circunstância reforça a hipótese de atribuirmos o uso destas estelas, de tipo básico, àqueles povos, embora Jorge de Alarcão (2001:333) as coloque sobretudo em “espaço de fronteira” entre estes *populi* lusitanos, assinalando as sepulturas de chefes, hipótese interessante, mas não apenas nessa situação topográfica como sugerem estes novos casos e como aquele autor (Alarcão, 2001:333) também antevê ao afirmar “que a estela de Brozas, no centro de um território que atribuímos aos *Calontienses*, constitui todavia uma excepção. Será suficiente para invalidar a nossa hipótese de posição fronteiriça das estelas entre os *Lusitani*?”

Contudo, perante estes novos dados, devemos rever a perspectiva de a presença de *estelas de guerreiro*, de modelo básico, no território dos *Lusitani* traduzirem a assimilação de um *item* (estela gravada) do “Sul, concretamente, do círculo de Zarza de Montánchez, com cujas estelas é óbvia a semelhança” (Alarcão, 2001:333). O centro de *gravidade* e, desse modo, a origem parecem estar no território supostamente dos *Lusitani*. Parece-nos mais credível admitir que as estelas de estilo básico (caracterizadas pela norma rígida de representação do conjunto lança + escudo + espada e pela ausência da figurações antropomórficas) são um item especificamente “lusitano” ou pelo menos de povo que no território considerado se situaria a noroeste. E que da interacção cultural com o povo do sudeste (supostamente os “cónios”, segundo J. Alarcão) se teria degradado aquela norma e enriquecido a iconografia das estelas com a introdução de representações directas da figura humana, agora muito esquemáticas. Curiosamente uma das rupturas que podemos associar ao Bronze Final ao nível do simbólico, comparativamente ao passado imediato (das estelas antropomórficas e estátuas-menires), é a eliminação da representação humana, bem evidenciada nas estelas de guerreiro de tipo básico, ausência que é depois recuperada, a sudeste, nas estelas de iconografias mais complexas.

Uma outra característica dos achados de Zebros, que consideramos muito significativa de um comportamento com amplitude geográfica, é a convergência de estelas de diferentes tipos e cronologias. Em Zebros coincidem uma estela antropomórfica,

diademada (Zebros 1), considerada mais antiga (Bronze Antigo), e uma *estela de guerreiro* (Zebros 2), mais tardia (Bronze Final). De facto, esta circunstância repete-se em diversos outros locais, no espaço geográfico que temos vindo a considerar, sendo valorizada como indicadora de “agrupaciones funerarias de largo recorrido” (Bueno Ramírez, Barroso Bermejo & Balbín Behrmann, 2011:49). São os casos do conjunto de Hernán Pérez, com sete estelas antropomórficas e uma *estela de guerreiro* (Díaz-Guardamino, 2011:87), de Valência de Alcântara (Bueno Ramírez & Vázquez Cuesta, 2008:127-132), com a proximidade entre três *estelas de guerreiro* (Mayas de Arriba) e uma estela antropomórfica (El Millarón), e já no sudeste do território das *estelas de guerreiro*, na transição entre a Extremadura, a Andaluzia e Castilha la Mancha, os vários casos de concentração de estelas deste tipo com estelas diademadas, em Zarza Capilla, El Viso e Capilla (Zarzalejos Prieto, Esteban Borrajo & Hevia Gómez, 2011:414). Exemplo mais distante, e fora deste território, em Montalegre (Alves & Reis, 2011), ocorre com a vizinhança entre uma *estela de guerreiro* (Tojais) e uma estátua-menir (Cruz de Cepos). Mas os exemplos mais extraordinários de uma convergência não apenas topográfica mas também cronológica são os casos atípicos, e muito restritos, citados por E. Galán (2011) de monólitos onde convergem representações de guerreiros e de figuras diademadas, “armas frente a adornos”, de El Viso 3 e de Almadén de La Plata 2, cuja dualidade tem sido discutida ao nível do género, simbolizando hipoteticamente um matrimónio associado a uma aliança política entre comunidades vizinhas (Galán, 2011:279). De qualquer modo, estas estelas de iconografia dual terão um significado mais profundo, para além dos exemplares conhecidos, e estão em linha com os casos citados anteriormente de convergência topográfica entre peças diferenciadas.

Essa apropriação ou aproximação pelas *estelas de guerreiro* de espaços “sagrados” ou cerimoniais antecedentes também poderia ser referida na Herdade do Pomar (Beja), com a convergência entre uma estela de tipo alentejano e uma *estela de guerreiro* (Gomes & Monteiro, 1977).

Quanto à cronologia parece haver relativa unanimidade na atribuição das *estelas de guerreiro* ao Bronze Final.

Mas se pretendermos atingir uma cronologia mais fina confrontamo-nos com diferenças significativas na atribuição de idade peça-a-peça, até porque são raras as que têm sido encontradas em contextos estratigráficos credíveis. Por exemplo, a estela de Tojais é atribuída a um lapso de tempo que medeia entre os finais do 3º milénio e o início do 2º milénio AC (Alves & Reis, 2011:207). No caso da Pedra da Atalaia 1 é indicado o séc. VIII AC “pela presença de um espelho” (Vilaça, Santos & Gomes, 2011:303). As estelas 1 e 2 do Baraçal são igualmente remetidas para os finais da Idade do Bronze, ainda que se admita que Baraçal 2 seja posterior a Baraçal 1, pela presença do espelho (6). A estela de Aldeia Velha é igualmente remetida para os finais da Idade do Bronze. Em dissonância com estas idades, a investigadora Díaz-Guardamino (2011:85) remete-nos para uma cronologia mais recuada, a partir de 1400 anos AC (finais do Bronze Médio / Bronze

Final) e não descarta a inclusão de outros motivos gravados além dos três básicos (lança, escudo e espada).

Em síntese, a nova estela dos Zebros pode considerar-se uma *estela de guerreiro*, de iconografia básica, representativa da norma maioritária e perfeitamente integrada no espaço geográfico deste tipo de monumentos de forte carga simbólica. A sua relevância é acrescida pela convergência espacial com uma estela antropomórfica, de cronologia mais antiga, e pelo contexto arqueológico imediato, aspectos que sugerem continuidade de povoamento num tempo longo.

Agradecimentos

Pela colaboração prestada na elaboração deste estudo manifestamos os nossos agradecimentos a Carlos Carvalho, geólogo, do Geopark Naturtejo, a Jorge Gouveia, professor, da AEAT, a André Pereira e a Mário Monteiro, arqueólogos, de EMERITA Lda, e ao senhor Joaquim Valente. E um agradecimento também ao arqueólogo Marcos Osório pelo convite que nos dirigiu para apresentarmos esta notícia nas páginas de Sabucale, o que fazemos com muito empenho.

Notas:

- (1) Em estudo por Raquel Vilaça (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) que a mencionou em comunicação apresentada no Colóquio *Sistemas de povoamento do centro e sul do território português no decurso do Bronze Final* (Fábrica da Pólvora de Barcarena, 23 de Outubro de 2012).
- (2) Antes da execução do estudo e desenho da peça fez-se uma lavagem suave, com água, para remover terra e poeira.
- (3) O subtipo B contempla outros artefactos, nomeadamente de adorno pessoal, para além do conjunto básico que define o subtipo A.
- (4) Esta orientação é concordante com a posição maioritariamente conferida ao capacete, mais próximo do lado distal das estelas.
- (5) Esta opção, pela disposição vertical, obrigava a uma representação do escudo com menor dimensão, para permitir o encaixe lateral das duas outras armas.
- (6) Acresce a atribuição de maior antiguidade a Baraçal 1 devido ao recurso à gravação em relevo.

Bibliografia:

- Alarcão, J. (2001) - Novas Perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 4 (2), 293-349.
- Almagro Bach, M. (1966) - *Las Estelas Decoradas del Suroeste Peninsular*. Biblioteca Praehistorica Hispana, 8. Madrid: CSIC.
- Alves, L. B. & Reis, M. (2011) - Memoriais de Pedra, símbolos de identidade. Duas novas peças escultóricas de Cervos (Montalegre, Vila Real). *Actas das IV Jornadas Raianas - Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal, 187-216.
- Banha, C.; Veiga, A. M. e Ferro, S. (2009) - A estátua-menir de Corgas (Donas, Fundão). Contributo para o estudo da Idade do Bronze na Beira Interior. *Açafa on line*, 2, Vila Velha de Ródão: 16 p. http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/A_estatua-menir_de_Corgas.pdf
- Breuil, H. (1935) - *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique: Sud-est et Est de l'Espagne*. Lagny: Fondation Singer Polignac. Vol. IV.
- Bueno, P.; de Balbín, R.; Barroso, R.; Alcolea, J. J.; Villa, R. & Moraleda, A. (1999) - *El Dólmen de Navalcán. El poblamiento megalítico en el Guadyrbas*. Monografías, 52. Toledo: Instituto Provincial de Investigaciones y Estudios Toledanos.
- Bueno-Ramírez, P. & Balbín-Berhmann, R. (1997) - Arte Megalítico en sepulcros de falsa cúpula. A propósito del monumento de Ganja de Toniñuelo (Badajoz). *Brigantium*, A Coruña, 10: 91-121.
- Bueno Ramirez, P. & Vázquez Cuesta, A. (2008) - *Patrimonio Arqueológico de Valência de Alcántara – estado da questão*. Ayuntamiento de Valência de Alcántara.
- Bueno Ramirez, P.; Barroso Bermejo, R. & Balbín Behrmann, R. (2011) - Identidades y estelas en el calcolítico peninsular. Memorias funerarias en la cuenca del Tajo. *Actas das IV Jornadas Raianas - Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: 37-62.
- Cardoso, J. L. (2011a) - A estela antropomórfica de Monte de Zebros (Idanha-a-Nova): seu enquadramento nas estelas peninsulares com diademas e “colares”. *Actas das IV Jornadas Raianas - Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: 89-116.
- Cardoso, J. L. (2011b) - The anthropomorphic stele at Monte dos Zebros (Idanha-a-Nova): contextualization amongst other Diadem-Steles in the Iberian Peninsula. *Complutum*, Madrid, 22 (1): 89-106.
- Cardoso, J. L., Caninas, J. C. & Henriques, F. (1997) - A anta 2 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*, Viseu, 5: 9-28.
- Cardoso, J. L.; Caninas, J. & Henriques, F. (1998) - Duas cabanas circulares da Idade do Bronze Final do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Castelo Branco). *Estudos Pré-Históricos*, Viseu, 6: 325-345.
- Cardoso, J. L.; Caninas, J. & Henriques, F. (2003) - Investigações Recentes do Megalitismo Funerário na Região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 21, nova série: 151-207.
- Celestino Pérez, S. & Salgado Carmona, J. A. (2011) - Nuevas Metodologías para la distribución de las estelas de Oeste Peninsular. *Actas das IV Jornadas Raianas - Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: 417-448.
- Celestino Pérez, S. (2001) - *Estelas de Guerrero y estelas diademadas. La precolonización y formación del mundo tartésico*. Barcelona.
- Correia, A. M. V. (2010) - *Estelas e Estátuas – Menires no Centro e Norte de Portugal e Sudoeste da Meseta Superior*. Faculdade de Letras Universidade de Coimbra. Coimbra (inédito), 2 vols.
- Curado, F. P. (1984) - Uma nova estela do Bronze Final na Beira Alta. *Arqueologia*, Porto, 9: 81-85.
- Curado, F. P. (1986) - Mais uma estela do Bronze Final na Beira Alta (Fóios, Sabugal, Guarda). *Arqueologia*, Porto, 14: 103-109.

- Díaz-Guardamino, M. (2011) - Iconografia, lugares e relações sociais: reflexões em torno a las estelas y estatuas-menhir atribuídas a la Edad el Bronce en Península Ibérica. *Actas das IV Jornadas Raianas - Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: 61- 88.
- Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos (1966) - *Carta Geológica de Portugal*, folha 24-D, Castelo Branco. Lisboa.
- Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos (1966) - *Carta Geológica de Portugal*, folha 24-D, na escala 1/50000.
- Figuerola Paniagua, M. G. de (1982) - Nueva estela decorada del tipo II en San Martín de Trejejo (Cáceres). *Zephyrus*, Salamanca, 34-35: 173-180.
- Gálan, E. (2011) - Nuevos Hallazgos sobre viejas ideas. Una reflexión sobre las representaciones “atípicas” en las estelas del Bronce Final del Suroeste de la península Ibérica. *Actas das IV Jornadas Raianas - Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: 271-292.
- Gomes, M. V. & Monteiro, J. P. (1977) - As estelas decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel - Beja) - Estudo Comparado. *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 2 e 3: 281-343.
- Gomes, M. V. (2011) - Representações de armas na arte rupestre do vale do Tejo – importância sócio económica, cronológica e cognitiva. *BAR, Internacional Series 2219*, editado por P. Bueno Ramirez, E. Cerrilo Cuenca & A. Gonzalez Cordero. Oxford: 177-198.
- Gonçalves, V. S.; Balbín-Berhmann, R. & Bueno-Ramírez, P. (1997) - A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal). *Brigantium*, A Coruña, 10: 235-254.
- Henriques, F.; Caninas, J. C. & Cardoso, J. L. (1998) - *Relatório de Trabalhos de Cartografia Arqueológica no Concelho de Idanha-a-Nova. Projecto Altejo - Pré-História recente na margem direita do Alto Tejo Português*. Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Alto Tejo (inédito).
- Henriques, F.; Caninas, J. C. & Cardoso, J. L. (1999) - Arqueologia no Alto Tejo. Balanço de 30 anos de investigação. *História*, Lisboa, nova série, 18: 68-74.
- Henriques, F.; Caninas, J. C. & Chambino, M. (1993) - *Carta Arqueológica do Tejo Internacional*, 3. Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Alto Tejo.
- Martín Benito, J. I. (2009) – *Hallazgo arqueológico en El Rebollar – una estela de la Edad del Bronce en Robleda (Salamanca)*: <http://patrimoniodecastillayleon.blogspot.com/2009/11/hallazgo-arqueologico-en-el-rebollar.html>
- Proença Jr, F. T. (1903) - *Antiguidades – resultados das explorações feitas nos arredores de Castelo Branco em Setembro e Outubro*. Coimbra: Tipografia França Amado.
- Romão, J.; Silva, A. F.; Cunha, P. P.; Pereira, A. (2010) - *Carta Geológica de Portugal, folhas 25-C; 25-D; 29-A, Rosmaninhal, Segura e Retorta (sector Norte) na escala 1/50 000*. Lisboa: Unidade de Geologia e Cartografia Geológica, Laboratório Nacional de Energia e Geologia.
- Romão, J.; Silva, A. F.; Cunha, P. P.; Pereira, A.; Dias, R.; Cabral, J. & Ribeiro, A. (2010) - *Notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, folhas 25-C; 25-D; 29-A, Rosmaninhal, Segura e Retorta (sector Norte) na escala 1/50 000*. Lisboa: Unidade de Geologia e Cartografia Geológica, Laboratório Nacional de Energia e Geologia.
- Sanabria Marcos, P. J. (2011) – La estela decorada del Puerto de Honduras (Cabezuela del Valle, Cáceres). *Actas das IV Jornadas Raianas - Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: 369 - 388.
- Santos, A. T.; Vilaça, R. & Marques, J. N. (2011) - As Estelas do Baraçal (Beira Interior, Portugal). *Actas das IV Jornadas Raianas - Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: 319 – 342.
- Serviço Cartográfico do Exército (1972), *Carta Militar de Portugal, folha 294*, 2ª edição, série M 888, na escala 1/25 000.
- Tomás Muñoz, J. (2009) – *La estela de Robleda*: <http://patrimoniodecastillayleon.blogspot.com/2009/12/la-estela-de-robleda.html>
- Vilaça, R. (1995) - Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*, Lisboa, 9, 2 vols.

- Vilaça, R.; Osório, M. & Santos, A. T. (2011) - Nova peça insculturada da região raiana do Sabugal (Beira Interior, Portugal): uma primeira abordagem. *Actas das IV Jornadas Raianas - Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: 343-367.
- Vilaça, R.; Santos, A. T. & Gomes, S. (2011) - As estelas da pedra da Atalaia (Celorico da Beira, Guarda) no seu contexto geo-arqueológico. *Actas das IV Jornadas Raianas - Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: 293-318.
- Vilaça, R.; Santos, A. T. & Marques, J. N. (2004) - O Monte de São Martinho na Idade do Bronze. *Arqueologia: Coleções de Francisco Tavares de Proença Júnior*. Castelo Branco: 39-51.
- Zarzalejos Prieto, M; Esteban Borrajo, G. & Hevia Gómez, P. (2011) – Las estelas grabadas de La Bienvenida – Sisapo (Ciudad Real, España): nuevas aportaciones para la caracterización del contexto cultural del Bronce Final en el reborde suroccidental de la Meseta. *Actas das IV Jornadas Raianas - Estelas e Estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: 389 - 416.

(*) Arqueólogo. Associação de Estudos do Alto Tejo, altotejo@gmail.com, www.altotejo.org

(**) Licenciado em História. Associação de Estudos do Alto Tejo.

(***) Arqueólogo. Associação de Estudos do Alto Tejo e CHAIA (Centro de História de Arte e Investigação Artística) – Universidade de Évora.